

## Educomunicação: a contribuição que a Rede CEP pode oferecer às políticas públicas



A logomarca da Rede CEP tem como símbolo uma espiral centrífuga, de onde sai um neologismo denso de significado: *educomunicação*. Se perguntarmos para qualquer das organizações que compõem a rede o que caracteriza suas ações, a resposta será uma, sem exceção: “fazemos educação, pela comunicação, usando a mídia, com muita participação”.

No final dos anos 90, o NCE/USP, após pesquisas junto a especialistas de 12 países da América Latina, identificou a educomunicação como o “conjunto das ações inerentes aos processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos”. Apontava desta forma, para a tradição latino-americana de colocar os meios de informação a serviço dos interesses e das necessidades da população, e não exatamente do mercado ou dos sistemas econômicos e políticos. Hoje, inúmeras organizações do movimento social entendem, como a Rede CEP, que a melhor forma de educar as gerações de crianças e jovens é possibilitar que entendam como funcionam os sistemas de informação. É garantir a todos o indispensável acesso às tecnologias, a partir, contudo, de alguns pressupostos básicos, que passamos a considerar.

### **EDUCOMUNICAÇÃO É O MESMO QUE TIC OU MÍDIA E EDUCAÇÃO?**

Ao afirmarmos que a educomunicação volta-se, sobretudo, para criar, viabilizar e desenvolver “ecossistemas comunicativos”, apontamos para o desafio em repensar as formas como são concebidas as relações no interior dos espaços educativos. No caso, a educomunicação defende – com base em Paulo Freire - a maneira dialógica e construtivista de “estar juntos” no mundo, começando pela escola. Exalta, assim, virtudes como a capacidade de escuta e a disposição em favorecer e multipli-

car as ocasiões de manifestação de todos os pólos vivos do processo educativo.

O conceito de educomunicação é reconhecido, desta forma, pela busca do ideal de uma comunicação viva e plena, estando os educadores centrados na promoção - e na consolidação, onde já existam - das oportunidades da fala, ou, em outras palavras, numa didática preocupada com a socialização dos recursos indispensáveis para que, na prática, seja evitado o monopólio da palavra.

Nesse sentido, o conceito de educomunicação se confronta com algumas das formas pelas quais são exaltadas as TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação, quando são apresentadas como panacéia para todos os males da educação tradicional (“educação moderna é aquela que faz usos das TIC”). Ou, ainda, quando são identificadas como recursos a serviço da performance do professor, independentemente da verticalidade ou horizontalidade de seu procedimento.

Para a educomunicação, as tecnologias devem estar sobretudo a serviço da comunidade, sendo geridas democraticamente. No caso, a proposta de se ter na escola “um computador por aluno” é tentadora. Mas sob o foco da educomunicação, melhor seria pensar num “laboratório multimídia por escola”, onde grupos de docentes e estudantes estejam envolvidos em projetos coletivos. É o que a educomunicação denomina como ampliar o “coeficiente comunicativo” das ações educativas.

Em síntese, a educomunicação confronta-se, basicamente, com dois conceitos muito em voga: o “funcionalismo” (teoria que cristaliza os papéis que emissores e receptores exercem no espaço da produção cultural) e o “iluminismo” (teoria pela qual cabe ao sistema educacional sistematizar e transmitir conhecimentos). Ao questionar as funções e as estruturas facilitadoras das operações de comunicação e o próprio sentido desta ação, a educomunicação se pergunta, antes, pelas pessoas envolvidas e pelo sentido do próprio ato de comunicar, entendendo que todos somos mediadores dos processos de produção da cultura.

Muitos dos gestores responsáveis pela introdução das TIC nas escolas fazem uso do conceito “Mídia e Educação” (emprestada da expressão inglesa *media education*, que no seu original significa “educação para a recepção da mídia”). Em muitos casos, existe perfeita sintonia entre a ação de tais

empreendedores e a dos que preferem trabalhar com o termo educomunicação. Nada a opor, pois, a esta prática, desde que a opção pelo emprego dos recursos da mídia aponte para uma política de ação que faça frente, simultaneamente, ao funcionalismo e ao iluminismo. Caso contrário, não se estaria fazendo outra coisa que reforçar os sistemas tradicionais, agregando a eles o valor que o marketing usado conseguir imprimir.

### **AS MÚLTIPLAS FACES DA EDUCOMUNICAÇÃO**

A prática da educomunicação se dá em diferentes áreas de trabalho. A literatura do NCE/USP aponta para a existência das seguintes possibilidades de atuação do profissional da educomunicação:

- Educação pela e para a comunicação (“media education” - prepara os receptores para relacionar-se criticamente com as mensagens dos meios de informação);
- Mediação tecnológica na educação (preocupa-se com o uso adequado e compartilhado das tecnologias no ensino)
- Expressão comunicativa através das artes (práticas que visam ampliar os espaços e as modalidades de expressão)
- Gestão da comunicação nos espaços educativos (assessoria aos sistemas educativos no entendimento do que seja a educomunicação, colaborando para que processos coerentes sejam implantados)

- Reflexão epistemológica sobre o novo campo (reflexão sobre as próprias ações, de forma a garantir coerência epistemológica ao ato de pensar e produzir comunicação)

Das áreas anunciadas, ganha importância a que se refere à gestão dos processos destinados a construir ecossistemas comunicacionais. A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se, como vimos, tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não formais de educação. O que caracteriza a gestão é, em suma, a “costura” que alcança produzir - por meio da ação prática - entre as várias vertentes que aproximam a comunicação e a educação.

Frente aos desafios inerentes à nova proposta governamental da “escola integral”, o conceito de educomunicação poderia a ser transformado num referencial seguro e promissor para os que ainda vêm com dificuldade a incorporação do “contraturno” ao cotidiano da escola.

Com a educomunicação, suas tecnologias e seus processos criativos de produção de cultura, toda escola se transformará num espaço de criação, em “meio período” ou em “período integral”. Em pouco tempo, os administradores públicos, os gestores e os diretores se perguntarão, entre atônitos e satisfeitos: por que demoramos tanto a descobrir uma proposta tão simples? Para o entendimento desses novos caminhos, as instituições membros da Rede CEP têm muito a contribuir.

---

\* Pesquisador da ECA/USP. Professor visitante da Marquette University, Milwaukee, USA (1999-2000); Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da USP <[www.usp.br/nce](http://www.usp.br/nce)>, Supervisor do Programa de educação a distância “Mídias na Educação” do MEC para o Estado de São Paulo; Membro do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais do Vaticano (2001-2008), Jornalista responsável pela revista Comunicação & Educação. <[ismarolive@yahoo.com](mailto:ismarolive@yahoo.com)>.